

O PODER DA LINGUAGEM NO TRABALHO DE CAMPO DA PESQUISA SOCIAL

Cícero José Alves Soares Neto *

Este artigo visa refletir acerca da questão do poder da linguagem na investigação social. Abordará o desempenho do pesquisador no seu trabalho de campo, através do seu código. Tenciona-se, por conseguinte, desmistificar o poder do código do entrevistador e, então, evidenciar a linguagem como instrumento de trabalho na sua prática investigatória. Assim, segundo John Beattie, "a linguagem tem assumido sua atual importância no trabalho de campo, pois povos diferentes possuem diferentes modos de conceptualizar seu universo físico e social, e os conceitos só podem ser compreendidos e comunicados através da linguagem".¹

Objetiva-se repensar teoricamente uma certa prática e, daí, com um instrumental teórico reelaborado se possa demonstrar que "um pesquisador não pode ser improvisado; é preparado por um longo e penoso treinamento, que começa na escola mas nunca tem fim certo".² Ou seja, é imprescindível combinar prática-teoria-prática para "explicitar, sempre que possível, o modo como foi conduzido o trabalho de campo".³

Definido o objeto desta reflexão, como se pretende tratá-lo?

A preocupação se delimita à técnica da entrevista como o instrumento em torno do qual se terá o detalhamento da questão. Excluem-se, por conseguinte, a história de vida e a observação participante como recursos de exame do problema. A história de vida, por exemplo, permite uma outra via que vai desaguar no tratamento de temas envolvendo a simbologia, a fantasia, os mecanismos de defesa, etc. Na verdade, trata-se de uma outra questão que extrapola os limites deste artigo.

Pensa-se em esmiuçar os entrecaminhos do trabalho de campo, através da aplicação de uma certa e determinada técnica, a entrevista. Daí, "repensar a relação entrevistado e entrevistador"⁴. Ou seja, "em que medida e em que direção o "clima" estabelecido nesse relacionamento tenha afetado tanto a coleta do material quanto a

* Professor do Departamento de Filosofia da UFU

1. John Beattie, *Introdução à Antropologia Social: objetivos, métodos e realizações da Antropologia Social*, p. 107.

2. Florestan Fernandes, *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*, p. 62.

3. Tânia Salem, *Entrevistando Famílias: Notas sobre o Trabalho de Campo*, in: Edson de Oliveira Nunes, *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*, p. 64.

4. *Idem*, p. 64.

análise dos dados”.⁵ Enfim, tentar contribuir para o questionamento ao “instrumento de pesquisa, tanto com o fim de determinar o grau de fidedignidade dos dados obtidos como com o de sistematizar a experiência que diferentes pesquisadores têm acumulado”.⁶

A reflexão se dará, pois, em torno da linguagem do pesquisador social como um veículo de intermediação numa específica relação social: a produção intelectual. O exame recairá, portanto, na relação investigatória que se dá através da entrevista com o objetivo de debater o viés a que esta técnica pode conduzir o pesquisador na coleta de dados. Manoel Tosta Berlinck levanta o problema ao “mostrar o quanto o método e as técnicas são imprescindíveis para que exista um cientista verdadeiro”.⁷ Luciana Frota chama atenção para o fato de que “bons resultados certamente não serão alcançados sem um perfeito domínio dos métodos e técnicas empregados”.⁸ Enfim, objetiva-se aprofundar como se dá a sua atuação, através de um dado instrumento, a entrevista, no trabalho de campo.

A análise desta questão requer, em primeiro lugar, a reconstrução do objeto para que se proceda ao detalhamento do problema enfocado. Espera-se, como sociólogo, desenvolver uma “prática de descrever e analisar o “mundo” como objeto de estudo importante para o enriquecimento do acervo metodológico das disciplinas sociais”.⁹

Portanto, esta preocupação se fixa, rigorosamente, num pólo do processo de trabalho investigatório, o pesquisador, aquele que formula questões e perguntas ao outro pólo, o informante, que responde e fornece elementos às indagações do primeiro. Porém, o tratamento da questão não se localiza no entrevistador em si e, sim na linguagem (oral) que se estabelece entre os dois participantes do trabalho de campo da pesquisa social: o entrevistador e o entrevistado.

Concretamente, ataca-se este problema numa peculiar situação: com informantes nascidos no século XIX¹⁰. Mas, em virtude do abundante e complexo material coletado, opta-se pelo tratamento sobre uma parcela dos dados. Contudo, para a delimitação deste específico material, é necessário percorrer o universo coletado para definir em quem recairá a análise da reflexão.

5. Idem, p. 64.

6. Oracy Nogueira, *Pesquisa Social: Introdução às suas Técnicas*, p. 111.

7. Manoel Tosta Berlinck, *A Sociologia e a Armadilha do Emprego*, *Revista de Ciências Sociais*, v. VIII, nº 1/2, 1976 Luciana Frota, 1985, p. 19.

8. Luciana S. de Aragão e Frota, *A Documentação Oral e a Temática da Seca: Estudos*, p. 19.

9. Edson de Oliveira Nunes, p. 11.

10. Cícero José Alves Soares Neto, *O Seridó e os votos de porteira batida: um estudo monográfico sobre o coronelismo no Rio Grande do Norte*, ver o capítulo da metodologia, p. 9-38.

As tabelas 1, 2 e 3¹¹ oferecem um quadro do universo e, nele, a escolha se prende aos informantes compreendidos na faixa etária entre 1885-1890, na quantidade de 3 depoentes, representando 18% dos entrevistados. Em termos de tempo, foram 120 minutos, significando 19,0% do total de depoimento obtido e com uma média de 40 minutos por testemunho gravado nesta faixa etária, pois houve diferença em relação a outra faixa etária (ver as tabelas 2 e 3).

TABELA N. 1
DISTRIBUIÇÃO POR FATORES (LIMITAÇÕES DA PESQUISA)

Limitação Interna	Quant. de Identificados ^a	%	Saúde	%	Critério Metod	%	Recusa	%				
			24	29,0	14	17,0	3	4,0				
Limitação Externa	25	30,0							Limitação	%	Ausência	%
									15	18,0	10	12,0
Entrevistados	17	20,0										
Total dos "Identificados"	83	99,0										

TABELA N. 2
FAIXA ETÁRIA DOS ENTREVISTADOS

Faixa Etária	Quantidade de Ent.	%
1885-1890	3	18,0
1891-95	8	47,0
1896-99	6	35,0
Total		100,0

TABELA N. 3
TEMPO (MINUTOS) DAS ENTREVISTAS

Quant. de Ent.	Tempo (minutos)	%	Média p/ fita
3	120	19,0	40 minutos
8	320	52,0	40 minutos
6	180	29,0	30 minutos
Total		100,0	

11. idem, p. 14-30.

Portanto, a análise se limitará a restrito conjunto de dados coletados.

A técnica aplicada na coleta de dados foi a entrevista: pessoal, documental, semi-estruturada e gravada mecanicamente com energia elétrica.¹² Apesar de ter sido aplicada na idade avançada, a velhice, de uma certa pessoa, visava-se conhecer acerca de uma fase anterior, a adulta. Através do testemunho do informante, percebe-se a visão que ele possui das duas fases: "fui homem disposto pra serviço no tempo que eu era homem. Hoje sou um defunto, não presto mais pra nada".¹³

De um lado, o pesquisador, do outro, o pesquisado; aquele, com um conjunto de perguntas, este com um real a ser investigado; entre os dois pólos da relação investigatória, um instrumento tecnológico, o gravador sonoro, intermediando a relação e registrando os passos da coleta de dados. porém, sem assumir um tipo moderno de diário de campo, pois o multimeio se limitou apenas a documentar a técnica da entrevista.

Concretamente, como ocorreu o problema?

Nos exemplos das entrevistas 13 e 01, percebe-se o fenômeno em reflexão:

Entrevista 13:

Entrevistador: Fale um pouco do Senhor . . .

Informate: Eu não sei, não.

Ent.: Como procedia o Senhor . . . era bom ou . . .

Inf.: Ele era . . . (desenvolvia a resposta).

Entrevista 01:

Ent.: O que acontecia depois?

Inf.: Eu não me lembro, não. Não acontecia nada.

Ent.: Era festa, era almoço, o que era?

Inf.: A gente almoçava na casa daquela eleição, na casa do chefe daquela eleição.

FONTE: Arquivo Particular de História Oral sobre a Memória Político-Eleitoral do Rio Grande do Norte (pertencente ao autor).

12. Idem, p. 30.

13. Idem, critérios para o tratamento das entrevistas, p. 28-29.

A análise terá em conta que o entrevistador, neste processo de comunicação, ao assumir o papel de emissor, envia uma mensagem ao informante, em forma de questão, através da linguagem oral. Porém, o receptor, o informante, não decodifica a pergunta que lhe foi feita. Contudo, consegue respondê-la, posteriormente ao ser re-feita a pergunta.

O entrevistador, ao aplicar o seu instrumento de coleta de dados, manifestou o seu código que não foi decodificado pelo entrevistado. Ou seja, a sua expressão oral conduziu ao domínio de uma realidade que não seria perceptível pelo outro componente da relação investigatória: o informante. Portanto, o entrevistador trouxe para aquela específica relação social um viés sócio-cultural, fruto de uma formação profissional-ideológica.¹⁴ Manifestou-se na relação interpessoal, através de um canal de comunicação: a linguagem oral.

Como o entrevistador deve proceder numa situação desta? Como superar o problema?

Antes de tudo, é preciso atentar para o fato de que não se cogita ditar um receituário, pronto e acabado, pois os entrecaminhos propiciados pelo trabalho de campo ao pesquisador social são movimentos imprevisíveis para um tratamento à base de recomendações uniformes.

Uma outra questão pode servir de ilustração para demonstrar o procedimento que tomou o pesquisador para obter a informação sem viés.

Na entrevista 15¹⁵, conforme o interesse em saber se o informante havia votado na década de 1920-30, a pergunta:

- "O Senhor votou na década de 1920-30"?
- Não sei, não.

Com base na pesquisa documental efetuada nos arquivos dos cartórios eleitorais dos municípios seridoenses e no estudo exploratório (anterior a entrevista propriamente dita), tinha-se conhecimento de que ele, o informante, havia votado na década de 1920-30. O que andava acontecendo com o impasse exposto pela resposta negativa? O problema residia no poder da linguagem do entrevistador. Não fazia sentido, para o informante, o código "década de 1920-30". Não era decodificável.

14. Teresa Maria Frota Haguette, *Metodologias Qualitativas na Sociologia*, p. 68 (chamados pela autora de fatores externos).

15. Soares Neto, ver os critérios de tratamento das entrevistas.

Percebido o cerne da questão, reformulou-se a questão:

- "O Senhor votou nas eras em que o Coronel . . . era vivo"?
- O meu primeiro voto foi no mando do Coronel . . .¹⁶.

Obteve-se, por conseguinte, uma resposta na qual a pergunta do pesquisador refletiu a linguagem do informante, isto é, partiu-se de um referencial, o do pesquisado, no qual era compreensível para este, como marco histórico da comunidade, o tempo de vida de um chefe político local. Portanto, o pesquisador, ao despir-se do seu código, a década de 1920-30, e ao manifestar um outro código, o do pesquisado, "as eras do coronel", contribuiu para obter uma informação capaz de expressar o movimento histórico que se pretende compreender e explicar.

Através desta reflexão, retoma-se uma dificuldade sentida no desenvolvimento da pesquisa de campo, a nível da fonte oral: "a linguagem da comunicação constituiu-se uma barreira em virtude da interação inter-pessoal entre os dois participantes da entrevista que tinham perspectivas, valores e universos totalmente diferentes".¹⁷

É possível, por um outro aspecto, a retomada desta questão pelo fato de que se valeu de um instrumento tecnológico, a gravação sonora, como recurso de registro para uma posterior análise. É, pois, a intermediação desta inovação tecnológica moderna que instrumentaliza a reflexão para resgatar e repensar uma dificuldade vivida na pesquisa de campo ocorrida há 4 (quatro) anos, em 1983. Com este multimeio, estimula-se um questionamento à metodologia qualitativa nas Ciências Sociais com o fim de abrir um horizonte investigatório mais embasado; pois, muitas vezes, o material de análise, os dados coletados, corre o risco de ser tratado de uma forma unilateral.

É imprescindível estar atento para o viés como "um fenômeno universal e que é tarefa do pesquisador conhecê-lo em todas as suas nuances para poder prevenir – quando for possível – sua essência".¹⁸ Na realidade, "nas Ciências Sociais as técnicas de coleta de dados são viesadas de várias maneiras – questionário e entrevista".¹⁹

Portanto, é desafio ao pesquisador de campo o desenvolvimento de uma reflexão teórica capaz de levá-lo a compreender o trabalho de campo como um espaço de conexão multidisciplinar. Daí, ser possível um avanço metodológico nas Ciências Sociais.

16. Evita-se proceder a identificação nominal dos chefes políticos locais, nesta reflexão.

17. Soares Neto, op. cit., p. 31.

18. Frota Haguette, p. 76.

19. Idem, p. 108.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEATTIE, John. **Introdução à Antropologia Social**: objetivos, métodos e realizações da Antropologia Social. 2 ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, Alba. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975. p. 87-121
- CORRÊA, Carlos Humberto P. **História oral**: Teoria e Técnica. Florianópolis, UFSC, 1978. 91 p. (Ensaio Catarinenses)
- FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. 3. ed. São Paulo, Livros Técnicos e Científicos, 1978. 345 p.
- FROTA, Luciana S. de Aragão e. O documento oral e algumas de suas fontes. **Cadernos CERU/USP**, São Paulo, 16:63-68, 1981.
- _____. **Documentação oral e a temática da seca**: Estudos Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, 1985. 348 p.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis, Vozes, 1987. 163p.
- NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa social**: Introdução às suas Técnicas. 4. ed. São Paulo, Nacional, 1977. 209 p. (Biblioteca Universitária, Série 2º, Ciências Sociais, v. 26)
- NUNES, Édson de Oliveira. Pequena Introdução à aventura Sociológica. In: NUNES, E. de O. (org.) **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 9-18
- SALEM, Tania. Entrevistando Famílias: notas sobre o trabalho de campo. In: NUNES, E. de O. (org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 47-64
- SOARES NETO, Cícero J. Alves. **O Seridó e "Os votos de porteira batida"**: Um estudo monográfico sobre o coronelismo no Rio Grande do Norte. Dissertação de mestrado defendida no IFCH, Departamento de Ciências Sociais, na Sociologia, em 1984. 181 p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEATTIE, John. **Introdução à Antropologia Social**: objetivos, métodos e realizações da Antropologia Social. 2 ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, Alba. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975. p. 87-121
- CORRÊA, Carlos Humberto P. **História oral**: Teoria e Técnica. Florianópolis, UFSC, 1978. 91 p. (Ensaio Catarinenses)
- FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. 3. ed. São Paulo, Livros Técnicos e Científicos, 1978. 345 p.
- FROTA, Luciara S. de Aragão e. O documento oral e algumas de suas fontes. **Cadernos CERU/USP**, São Paulo, 16:63-68, 1981.
- _____. **Documentação oral e a temática da seca**: Estudos Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, 1985. 348 p.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis, Vozes, 1987. 163p.
- NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa social**: Introdução às suas Técnicas. 4. ed. São Paulo, Nacional, 1977. 209 p. (Biblioteca Universitária, Série 2º, Ciências Sociais, v. 26)
- NUNES, Édson de Oliveira. Pequena Introdução à aventura Sociológica. In: NUNES, E. de O. (org.) **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 9-18
- SALEM, Tania. Entrevistando Famílias: notas sobre o trabalho de campo. In: NUNES, E. de O. (org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 47-64
- SOARES NETO, Cícero J. Alves. **O Seridó e "Os votos de porteira batida"**: Um estudo monográfico sobre o coronelismo no Rio Grande do Norte. Dissertação de mestrado defendida no IFCH, Departamento de Ciências Sociais, na Sociologia, em 1984. 181 p.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 2. ed., São Paulo, Polis, 1981. 270 p. (Coleção Teoria e História, 6)

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (org.) **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 36-46